

O bisturi de software

(Ou como fazer um “corpo belo” virtualizando a carne impura?)

Paula Sibilía

(Doutoranda ECO-UFRJ)

RESUMO:

A atual obsessão pela beleza dos corpos faz parte das tendências virtualizantes da tecnociência contemporânea. Percebe-se uma busca de pureza associada às técnicas digitais de edição de imagens, que se usam para “retocar” e “corrigir defeitos” nas fotografias de corpos expostas na mídia. Tais truques oferecem às imagens corporais tudo o que a ingrata natureza costuma negar aos organismos vivos, e que as duras práticas bio-ascéticas (dietas, musculação, cirurgias) ainda insistem em lhes negar. Os modelos digitalizados impregnam corpos e subjetividades, pois as imagens assim editadas se tornam objetos de desejo a serem reproduzidos na própria carne virtualizada. Redefinindo a sensualidade, pretende-se abandonar todo vínculo com a matéria, num processo de bidimensionalização dos corpos (embora com polidos efeitos 3D) desenhados como objetos meramente visuais. Com a crescente moralização destas práticas e crenças, aumentam as implicações éticas, políticas, econômicas e sócio-culturais.

O belo tem retornado para dar esplendor ao nada .

Félix de Azúa ¹

A culpa é sempre indubitável.

Franz Kafka ²

Nos últimos anos, acompanhando a sua crescente centralidade na nossa cultura, as discussões em torno do **corpo** têm proliferado. Inclusive no âmbito deste GT, no último encontro da COMPÓS, levantou-se um debate que este texto pretende retomar: o do aparente paradoxo entre “o repúdio ao corpo e os sonhos de desmaterialização”, por um lado, e por outro lado “os desejos de saúde total e aperfeiçoamento corporal nas academias de ginástica ou clínicas de cirurgia plástica”.³ Nas próximas páginas procuraremos aprofundar a convergência dessas duas tendências, cujo convívio no mundo contemporâneo é tão evidente como problemático, ensaiando outras respostas e propondo novos questionamentos.

¹ AZÚA, Félix de. *Diccionario de las Artes*. Barcelona: Ed. Planeta, 1995. p. 69.

² KAFKA, Franz. *Na colônia penal*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. p. 15.

³ O debate foi suscitado pelo artigo de Erick Felinto, que propõe a seguinte resposta: “Nos dois casos, porém, ‘o corpo é dissociado do homem que encarna e encarado como um *em-si*’ [...] Trata-se, assim, apenas de uma aparência de paradoxo. No âmbito do imaginário cibercultural, as próteses eletrônico-mecânicas e a digitalização do sujeito respondem a um só e idêntico problema: a ruptura ontológica entre subjetividade e corpo”. FELINTO, Erick. O corpo impuro: sobre a digitalização da matéria no imaginário da cibercultura. CD-ROM *XIII COMPÓS*, UMESP, São Bernardo do Campo, Julho 2004.

A acusação de **impureza** relativa ao corpo humano não é uma novidade histórica, embora a poluição atual seja bem diferente daquelas que vigoraram em outros períodos da civilização ocidental. Longe das expiações em nome de valores transcendentais à moda antiga, hoje se desenvolvem novas formas de **ascetismo**, relacionadas de maneira direta (porém complexa) com as práticas **hedonistas** do consumo e do império das sensações. Dietas, ginástica, cirurgias: o novo receituário da expurgação exige uma intensa série de esforços, dores e privações – além de tempo e dinheiro, dois fatores primordiais na presente formação histórica. Tudo isso na procura de uma certa **pureza**. Mas de que pureza se trata? O objetivo explícito de tais rituais não é alcançar a excelência pública (como na polis grega) ou a comunhão com Deus (como nas experiências místicas), pois não se almeja uma libertação dos caprichos do corpo para dominar a si mesmo e aos outros, ou para transcender a vida mundana atingindo outras alturas.⁴ A nova **moralização** das práticas corporais tem metas bem mais prosaicas: vencer no mercado das aparências, ter sucesso ou eficiência; enfim, todos valores mercadológicos. O termo *fitness* delata, assim, sua origem etimológica, como uma palavra de ordem que incita a se *adequar* ao modelo hegemônico.

Embora pareçam tão modestas e até pífias, essas metas não devem conduzir a engano, pois os novos imperativos são levados muito a sério por seus devotos praticantes. Entende-se que em seu nome — e somente em seu nome — qualquer sacrifício seja legítimo. Não é raro que tais práticas levem seus adeptos até à morte, como informam as notícias já cotidianas sobre complicações em cirurgias plásticas ou falecimentos por ingerir anabolizantes de uso veterinário, por exemplo, além do incremento de doenças fatais como a anorexia e a bulimia. Cada época inventa seus próprios masoquismos, e a nossa não podia fazer diferente: se nos velhos tempos protagonizados pela subjetividade “sentimental”, dominados pelo ideal do amor romântico e pelo dispositivo da sexualidade, os sofrimentos jorravam dos desejos insatisfeitos que colidiam com as rígidas normas sociais; hoje, com o declínio da interioridade psicológica e de todo aquele paradigma subjetivo,⁵ as aflições costumam emanar da **inadequação corporal** – isto é, da falta de *fitness*.

Não é difícil intuir, porém, nesse ódio virulento à flacidez e à gordura, o peso **moral** que a idéia de pureza carrega, trazendo conotações do **bom** e do **belo**, em franca oposição a seus contrários certamente indesejáveis. E, visto que para que existam os *puros* devem existir necessariamente os *impuros*, ressurge aqui outra categoria problemática: os **escolhidos**, ou seja, aqueles que se encontram mais perto da pureza do que todos os demais – os **outros**. Não deve

⁴ Cf. ORTEGA, Francisco. Da ascese à bio-ascese, ou do corpo submetido à submissão ao corpo. In: ORLANDI, Luiz; RAGO, M. e VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzchianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

⁵ Sobre a transição entre esses dois modelos subjetivos, ver BEZERRA Jr., Benilton. O ocaso da interioridade. In: PLASTINO, C. A. (Org.). *Transgressões*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002; SIBILIA, Paula. Os diários íntimos na Internet e a crise da interioridade psicológica. In: LEMOS, André e CUNHA, Paulo (Orgs.). *Olhares sobre a Cibercultura*. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2003; SIBILIA, Do homo psico-lógico ao homo tecno-lógico: a crise da interioridade. *Revista Semiosfera*, Ano 3, Nº 7. Rio de Janeiro: Ed. ECO-UFRJ, 2004. http://www.eco.ufrj.br/semiosfera/conteudo_mm_psibilia.htm.

surpreender, portanto, que a pureza tenha sido um dos alicerces da doutrina nazista: no caso, a pureza da raça ariana. Como lembra Zygmunt Bauman, a Alemanha de Hitler guiou-se por um projeto estético que visava a aniquilar tudo aquilo que fugia de uma suposta ordem harmoniosa. O ensaísta espanhol Félix de Azúa faz uma análise semelhante: o Terceiro Reich teria sido “um estado profundamente *artístico*”, tendente à implantação universal de um determinado “**corpo belo**”. Um projeto político fundado na “construção de uma obra de arte vivente: o Ariano, que não se distinguiria por sua alma, seu espírito ou seu intelecto, mas por sua fisiologia, como as *top-models* que hoje tanto agradam e são tão simpáticas”.⁶ Assim, purificar a raça implicava uma tarefa ativa de **eliminação das impurezas**, lembra Bauman, protegendo seu límpido ideal “da obstinada presença de pessoas que não se ajustavam, que estavam fora de lugar, que **estragavam o quadro**”.⁷

Embora possam parecer exagerados – e algo assustadores – são inegáveis os paralelismos dessa cosmovisão com os sonhos propagados pelas imagens da beleza e pelas metáforas da saúde que hoje assediam por toda parte, e a conseqüente incitação ao *fitness*.⁸ Além de se tornar um dos alvos prediletos dos julgamentos e das condenações morais (o *corpo mau*), valores capazes de hierarquizar categoricamente os indivíduos surgem do *corpo bom* – um organismo investido pelos novos saberes tecnocientíficos, munidos de todos os *gadgets* de praxe e impulsionados pelo sucesso midiático da genética e das neurociências. Essa tendência não está isenta de perigos, como se vê, pois o ressurgimento de critérios biológicos para classificar os sujeitos pode desembocar em novas formas de discriminação com bases científicas; isto é, da ordem do inquestionável.

Além da eugenia, das experiências genéticas e outras práticas bastante conhecidas por seu controvertido passado, a cirurgia plástica também tem uma história indigna: vínculos ancestrais ligam a origem dessa especialidade médica, no século XIX, à “correção” de traços raciais considerados *inferiores*, como as intervenções que permitiam “dissimular” narizes e orelhas normalmente associados com o fenótipo judeu.⁹ Hoje a cirurgia plástica se populariza em todos os cantos do planeta globalizado, porém com uma incidência inusitada nos países asiáticos (a Coreia do Sul, por exemplo, registra a média mundial mais alta desses cirurgiões por habitante). Naquelas regiões, faz sucesso uma especialização notável: as técnicas que prometem eliminar os traços tipicamente orientais para “**ocidentalizar**” as **aparências**, tais como o formato dos olhos e dos pômulos. Refletindo tais tendências, foi lançado na China um concurso de beleza exclusivo para

⁶ AZÚA, Félix de. *Diccionario de las Artes*. Barcelona: Ed. Planeta, 1995. p. 68.

⁷ BAUMAN, Zygmunt. O sonho da pureza. In: *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 13.

⁸ Cf. EDGLEY, Charles e BRISSETT, Dennis. Health nazis and the cult of the perfect body: some polemical observations. *Symbolic Interaction*. Vol. 13, n. 2, 1990. Vale conferir, também, o documentário *Homo Sapiens 1900*, do diretor sueco Peter Cohen (1998).

⁹ GILMAN, Sander. *Making the body beautiful: A cultural history of Aesthetic Surgery*. Princeton e Oxford: Princeton University Press, 2001.

mulheres “transformadas” dessa maneira.¹⁰ Impossível não remeter, então, à eugenia nazista?¹¹ Há, porém, uma diferença fundamental: hoje todas as aberrações que conspiram contra o “corpo perfeito” parecem ter possibilidade de “cura” – através das cirurgias plásticas e outras técnicas à venda. Portanto, diferentemente do que postulavam as teorias e práticas eugênicas da primeira metade do século XX, hoje a condenação não é necessariamente fatal e tampouco deve ser contornada mediante políticas públicas comandadas pelos Estados-nação. Na nova **eugenia da beleza** e do **mercado**, a “salvação” depende de cada um. E é um negócio extremamente lucrativo, embora pareça alicerçado em bases algo ilusórias: já na década de 1980, a indústria de produtos de beleza investia em publicidade até 80% do seu orçamento, cifra que não cessa de aumentar.¹²

Considerando esse contexto extremamente delicado, ganha novos contornos o crescente horror às adiposidades que recheiam os corpos humanos e que já tem nome próprio: **lipofobia**. Essa repugnância suscitada pela gordura não envolve apenas a vontade de extirpá-la do próprio organismo (purificando-o mediante as técnicas bio-ascéticas), mas também o impulso de condenar a sua presença nos corpos alheios. Pois, como afirma William Ian Miller em seus estudos sobre o **nojo**, trata-se de “um sentimento **moral** e **social**”. Como tal, parece desempenhar um papel semelhante e complementar ao da pureza: “classifica as pessoas e as coisas de acordo com uma espécie de ordenação cósmica”. Em seu famoso livro *Pureza e Perigo*, a antropóloga Mary Douglas revela outro detalhe importante: a pureza implica a criação de uma ordem, a **adaptação do mundo a uma idéia**. Purificar não é uma atividade *negativa*, portanto, de mera eliminação da sujeira, mas uma atividade *positiva*: deflagra a luta por atingir um **ideal**.¹³ E cada modelo de pureza tem seu próprio modelo de sujeira que precisa ser ativamente combatida. Assim, tanto o nojo como “seu primo-irmão, o desprezo” assumem fortes significados políticos, relegando coisas e pessoas à categoria de *inferiores*, e propagando pretensões supostamente legítimas de superioridade e distinção. Mas parece haver uma constante universal: a **contaminação do inferior** costuma ser mais forte e pregnante do que a capacidade de **limpeza do superior**.¹⁴ Assim, abre-se a porta para todos os excessos e fundamentalismos nos programas de purificação... e jamais serão suficientes.

¹⁰ LIBEDINSKY, Juana. La belleza global. Revista *La Nación*. Buenos Aires, 10/10/2004. <http://www.lanacion.com.ar/642983>.

¹¹ Vários autores detectam ambições eugênicas na engenharia genética e em outras áreas da tecnociência contemporânea, sem referências raciais ou nacionalistas explícitas porém guiadas pela “mão invisível” do mercado. Cf. RIFKIN, Jeremy. *O século das biotecnologias: A valorização dos genes e a reconstrução do mundo*. São Paulo: Makron Books, 1999; SIBILIA, Paula. A alquimia dos genes e dos bits: uma eugenia a gosto do consumidor. In: *O homem pós-orgânico*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. p. 146-156. O assunto também é problematizado no filme *Gattaca, a experiência genética* (Andrew Niccol, EUA, 1997).

¹² Isso equivaleria, somente nos Estados Unidos e no ano de 1985, a 900 milhões de dólares. HIGONNET, Anne. Mujeres, imágenes y representación. In: DUBY, George; PERROT, Michelle (Orgs.). *Historia de las Mujeres en Occidente*; v. 9. Madri: Taurus, 1993. p. 383. Este assunto é bem discutido no instigante trabalho de WOLF, Naomi. *El mito de la belleza*. Barcelona: Emecé, 1991.

¹³ DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.

¹⁴ MILLER, William Ian. *Anatomía del asco*. Madri: Ed. Taurus, 1998. p. 22 e 31.

Além de legitimar a estigmatização dos *outros* – os *não-esolhidos*, os *impuros* – a idéia de pureza ainda ganha força em outro sentido. Na atual “sociedade dos riscos”,¹⁵ o **impuro** é portador de uma enorme potência negativa, pois é capaz de alterar a ordem e a tão prezada **segurança**, poluindo o mundo com uma ação tão *real* como *simbólica*.¹⁶ Assim, certos alimentos e “estilos de vida” tidos como perniciosos, apresentam-se como agentes poluidores da ordem. E desempenham um papel tão central em nossa cultura porque ameaçam – colocam em risco – nada menos do que a pureza das formas do *corpo bom*, último grande **ideal** que todos os membros da sociedade ocidental parecem almejar. Para combater tais poluições, nenhum sacrifício será poupado. Mas talvez caiba indagar: por que tanto investimento em nome de um ideal tão pouco insigne? Com a crise da “vida interior” – e o deslocamento da *essência* da identidade para as recônditas moléculas imaterializadas do DNA e da química cerebral – o **corpo**, último grande refúgio da subjetividade, parece estar se tornando uma valiosíssima **imagem** para ser exibida. Pois o corpo *mostra* o que se é. E, como se sabe, essa imagem *deve* ser jovem, bela e magra.

Assim, por exemplo, o sujeito que tem excesso de peso é reprovado por não ser um bom gestor de si e por ser moralmente fraco, pois em um mundo comandado pelos ditames do mercado e no qual vigora a administração individual dos capitais vitais, “só é gordo quem quer”. E, sendo óbvio que ninguém poderia mesmo “querer” tal coisa, supõe-se que só terá excesso de peso quem não conseguir se autocontrolar – ou seja, quem for *incapaz* de não ser gordo; quem é negligente, ineficaz, fraco. Hoje, então, o **desvio** da normalidade não estaria encarnado nas perversões sexuais (como apregou longamente o saber psiquiátrico constituído no século XIX), do mesmo modo que o **estigma** já não se baseia em categorias explicitamente nacionalistas ou raciais. Hoje tais desvios e condenações apontam para a negligência; isto é, a incapacidade individual de manter o autocontrole com relação a certos itens: alimentos “proibidos”, cigarros, álcool, drogas, etc. Os sujeitos que se *desviam* são aqueles que não cuidam de si, que não conseguem moldar seus corpos da forma “certa”, falhando em sua função de autogestores. Em síntese: aqueles que não conseguem cultivar estrategicamente a sua **imagem pessoal**. Tratar-se-ia, portanto, de “seres abjetos”, maculados pela **impureza**, eventualmente excluídos até mesmo da própria categoria de sujeitos. Pois, de certo modo, tais criaturas estariam no limiar da humanidade, sempre ameaçadas de caírem no domínio das monstruosidades e das aberrações. Ou quiçá, pior ainda: da **invisibilidade**.

É neste contexto que estão se tornando endêmicos os distúrbios alimentares e as **distorções da imagem corporal** – como a anorexia, a bulimia, a vigorexia e a ortorexia —, todas patologias que outrora constituíam casos raros e isolados, mas nos últimos tempos aumentaram de forma

¹⁵ Cf. BECK, Ulrich. *Risk Society: Towards a New Modernity*. Londres: Sage, 2002; VAZ, Paulo. Corpo e risco. In: VILLAÇA, N.; GÓES, F.; KOSOVSKI, E. (org.). *Que corpo é esse?* Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

¹⁶ Cf. HACKING, Ian. Risk and Dirt. In: ERICSON, Richard; DOYLE, Aaron (Orgs). *Risk and Morality*. Toronto: University of Toronto Press, 2003. p.22-47.

alarmante. As sondagens históricas revelam que os antecedentes mais remotos destes transtornos, na longínqua Idade Média, apontavam para a busca de beatitude através da **privação** alimentar. No âmbito médico, a *anorexia nervosa* emergiria como uma entidade clínica independente em 1873, com os relatos quase simultâneos de médicos ingleses e franceses que registraram em suas pacientes o hoje habitual medo de engordar, além da vergonha e aversão ao próprio corpo. Já a *bulimia nervosa* tem uma história bem mais curta: a primeira descrição data de 1979, numa pesquisa pioneira que detectara “um impulso irresistível para comer excessivamente” seguido de “vômitos auto-induzidos como forma de **purgação** e um medo mórbido de engordar”.¹⁷ Mas aqueles antecedentes medievais merecem uma breve reflexão: trata-se de episódios ligados a práticas ascéticas habituais nos mosteiros da época, exprimindo uma vontade de transcender as necessidades materiais para atingir um estado de pureza espiritual; porém, essas origens religiosas não deveriam passar despercebidas. Pois a atual obsessão com a saúde e a beleza também remete ao puritanismo: da austeridade dos regimes alimentares ao moralismo dos exercícios físicos, a herança da “ética protestante” parece evidente. Os novos fundamentalismos da imagem corporal, portanto, não exalam apenas confusas lembranças dos velhos **ascetismos cristãos** da Idade Média e dos (nem tão velhos) dogmas **nazistas**; também há neles fortes reminiscências **puritanas**. Tais visões do mundo nunca foram gentis com as potências dos corpos, e todas manifestaram uma genuína obsessão pela idéia de **pureza**.

Em um artigo bastante revelador sobre as relações entre puritanismo e culto ao corpo, através do exemplo hipertrófico dos *body-builders* norte-americanos, Jean-Jacques Courtine compara uma série de imagens que vale a pena evocar aqui. Nos anos 20, a figura de Charles Atlas impregnou o imaginário da época vendendo a possibilidade de converter qualquer corpo – inclusive o mais “desfavorecido” de todos, com esforço e dedicação – em um arquétipo de robustez e força máscula. Segundo Courtine, a atração exercida pelo corpo arduamente trabalhado de Mr. Atlas “centrava-se na visão de conjunto de uma pujança corporal harmoniosa”. Já a figura de um de seus sucessores, Johnny Weissmuller, o famoso *Tarzan* dos anos 40, fascinava pela “elegância ‘natural’ da sua musculatura” e da sua “capacidade para nadar ou saltar”. O mais interessante, porém, é o terceiro componente deste trio de beldades masculinas: Arnold Schwarzenegger, um tipo que se impôs nos anos 80 e 90.

Congelado numa luz crua, quase cirúrgica, o body-builder faz sobressair os mínimos detalhes de sua massa corporal. Estrias das fibras musculares, ramificações da rede vascular, palpitações de um tórax estufado: a imagem ideal do corpo que o body-building de hoje configurará é aquela dos corpos destinados aos estudos anatômicos. Isso não se obtém sem sofrimento... Os body-builders são os *condenados da aparência*, submetidos a uma tirania do detalhe anatômico.¹⁸

¹⁷ CORDAS, Táki Athanássios; CLAUDINO, Angélica de Medeiros. “Transtornos alimentares: fundamentos históricos”. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. São Paulo, Dez. 2002, vol. 24, supl. 3, p. 03-06.

¹⁸ COURTINE, Jean-Jacques. Os Stakhanovistas do Narcisismo : Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In : SANT’ANNA, Denise (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 105. Os grifos são do autor.

Cada vez mais, os corpos exemplares são expostos à impiedosa “luz crua, quase cirúrgica”, sob a qual até os mais minúsculos detalhes são esmiuçados pela lente da câmera e limpidamente aumentados pelo *zoom* – e depois também polidos, já na sua representação imagética bidimensional, com a ajuda de técnicas digitais. Nessas condições, não só aquele Charles Atlas de 1920 e o Johnny Weissmuller de 1940 perdem seus cetros de maneira humilhante: após 500 anos de reinado indiscutido, até o *David* de Miguel Angel viu desabar seu prestígio de “corpo perfeito”. Uma equipe de anatomistas e especialistas em estética acaba de descobrir que a figura masculina da famosa escultura renascentista “não é perfeita”. Logo ele, que há cinco séculos encarna na pedra o verdadeiro ícone da “perfeição corporal”, retomando os critérios classicistas das proporções exatas e do todo harmônico. Severamente inspecionado sob a “luz crua” da tecnociência contemporânea, porém, o belo corpo de mármore não resistiu às sondagens do exame *digitalizante* e sua “tirania do detalhe anatômico”. Assim, os cientistas diagnosticaram e a mídia divulgou o veredicto: a célebre estátua teria um “defeito” em um músculo das costas.¹⁹ Mas as dúvidas se impõem: será que esse defeito sempre existiu e só agora foi descoberto? Ou, talvez, o defeito se encontra no olhar e na luz crua que o examina?

Voltando à imagem de Schwarzenegger: sua “taxa de **gordura** corporal era tão monstruosamente baixa”, cita Courtine, que “ele parecia com um **desenho** de anatomia humana”. Um corpo como esse só pode ser fruto de uma tendência cujo nascimento o historiador detecta nos EUA dos anos 1980, quando floresceram, juntas, uma “obsessão dos invólucros corporais” e uma “cultura **visual** do músculo”. A partir de então, nenhum esforço bio-ascético seria poupado a fim de converter o próprio corpo em uma imagem de uma pureza jamais vista, com uma “tensão máxima da pele”.²⁰ Esse intenso “amor pelo **liso**, pelo **polido**” aplicado ao próprio corpo encontrará sua inspiração e seu máximo esplendor em um tipo bem específico de pureza: aquela que emana das **imagens digitalizadas**. Pois esse modelo corporal *fat-free* que está se espalhando nas culturas aglutinadas pelo mercado global parece se aproximar, cada vez mais, de um **ideal de pureza digital**. Não é por acaso que programas de edição gráfica como o *PhotoShop* desempenham um papel fundamental na construção das imagens publicitárias e midiáticas que expõem “corpos belos”, e que constituem uma poderosa fonte de imagens corporais no mundo contemporâneo. Com esses **bisturis de software**, todos os “defeitos” e outros detalhes demasiadamente orgânicos presentes nos corpos fotografados são **eliminados, retocados** ou **corrigidos** na tela do computador. Assim, as imagens expostas no mercado de produtos, serviços e aparências aderem a um ideal de pureza digital, longe de toda imperfeição toscamente analógica e de toda viscosidade orgânica demais.

¹⁹ PIQUÉ, Elisabetta. El David de Miguel Angel no es tan perfecto como se creía. *La Nación*. Buenos Aires, 11/10/2004. <http://www.lanacion.com.ar/643928>.

²⁰ COURTINE, op. cit. As citações deste parágrafo pertencem às páginas 83, 86 e 114. Os grifos são meus.

Exemplos bem ilustrativos destes processos abundam na Internet, em sites como os do designer gráfico Greg Apodaca, que oferece seus serviços profissionais exibindo trabalhos de edição digital realizados sob encomenda.²¹ A partir de fotografias originais, fornecidas por agências de publicidade e outras empresas ligadas à mídia, o especialista efetua “retoques” utilizando programas de edição de imagens como o mencionado *PhotoShop*, o *Illustrator* e o *Indesign*, além de diversos filtros e outros instrumentos de composição digital. Especialmente reveladores são os trabalhos efetuados sobre fotografias de rostos e corpos femininos, pois é evidente que a tarefa do designer consiste em aproximá-los o mais possível do modelo de beleza hegemônico. Ao deslizar o mouse sobre tais imagens, imediatamente surge na tela a fotografia original, que exhibe o corpo ou o rosto das modelos antes da intervenção digital. O que aparece e torna a desaparecer de maneira intermitente, junto com a setinha do mouse, é o aspecto pré-digitalizado da figura humana, sempre em contraste com a sua versão digitalizada. É interessante o jogo visual que produz essa observação superposta das imagens de *antes* e *depois* dos retoques, pois o primeiro efeito da aparição da fotografia original é um estranhamento e até certa impressão de **monstruosidade**, em contraste com a versão **límpida** e **pura** que resultou da aplicação dos truques digitais.²² Em seguida, porém, o olhar detecta a artificialidade da imagem retocada e toda a sensação de estranheza logo se esvai – ou, inclusive, chega a se deslocar para a versão digitalizada.

Assim, no rosto de uma moça, por exemplo, são apagadas as pequenas rugas, espinhas e outras marcas da pele. Além de ser “esticada”, esta é iluminada e todas as **impurezas visíveis** se eliminam. O resultado traduz um efeito semelhante ao que prometem as técnicas dermatológicas de aplicação de *botox* (toxina botulínica) sob a pele do rosto por meio de injeções subcutâneas, um serviço médico-cosmético disponível no mercado há alguns anos e amplamente utilizado em todo o mundo. Mas o mesmo procedimento de **limpeza** e **estiramento digital** é aplicado aos dentes e ao cabelo do rosto fotografado. Outra imagem exposta no site do designer mostra uma jovem vestindo um biquíni, e neste caso o resultado da edição digital é ainda mais eloqüente: além de “corrigir” as olheiras e outros “defeitos” do rosto, as marcas dos tendões e dos ossos nas mãos são suavizadas; a pele do corpo inteiro é **esticada**, **alisada** e **iluminada**, enquanto os seios são arredondados e aumentados, a leve protuberância do abdome apenas insinuada é polida e achatada, os quadris são afinados, recortados e definidos com linhas mais nítidas. O resultado evoca um efeito visual

²¹ Greg’s Page: <http://homepage.mac.com/gapodaca/digital/digital.html>.

²² De acordo com diversos autores, as imagens *analógicas* (foto-ópticas) e as *digitais* (numéricas) teriam relações distintas com o mundo sensível e com o *real*. Assim, por exemplo, Edmond Couchot sugere que as imagens digitais ultrapassam a lógica da representação para entrar na lógica da simulação, que procura “recriar inteiramente uma realidade virtual autônoma”, pois “não pretende mais representar o real com uma imagem, mas sintetizá-lo em toda sua complexidade, segundo leis racionais que o descrevem ou explicam”. COUCHOT, Edmond. Da Representação à Simulação: Evolução das Técnicas e das Artes da Figuração. In: PARENTE, André (Org.). *Imagem-Máquina: A era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. p. 37-48 E ainda mais: “O programador é como o demiurgo platônico [...que...] ‘dobra’ a matéria, sujeitando-a aos modelos matemáticos. Se a imagem se opõe ao real, é para melhor desqualificar o sensível, e não para afirmar o simulacro como potência do falso que destrói qualquer modelo de representação [...]. Com a imagem de síntese, o sensível só se torna visível se submetido e controlado pela modelização”. PARENTE, André. Introdução. In: PARENTE, André (Org.), *op. cit.* p. 23.

comparável ao que prometem as lipoaspirações, os implantes de silicone e outras técnicas de cirurgia estética cada vez mais populares.²³

Todo e qualquer sinal de **adiposidade** ou **flacidez**, por imperceptível que for, é eliminado com a destreza e a eficácia de um verdadeiro **bisturi digital**. Evita-se, entretanto, a incômoda sujeira do sangue, da pele cortada e das vísceras expostas, bem como a dor das feridas e o desconforto das cicatrizes – todas vantagens evidentes da **imaterialidade** e da falta de organicidade do universo digital. Tudo é convenientemente **deletado**, de forma limpa e eficaz, dando à luz a uma beleza tão asséptica como descarnada. Cabe lembrar, aqui, dos *body-builders* de Jean-Jacques Courtine: segundo o historiador, a partir de 1980 foi crescendo a ansiedade perante “tudo que na aparência pareça **relaxado, franzido, machucado, amarrotado, enrugado, pesado, amolecido ou distendido**”.²⁴ As técnicas de edição digital oferecem a essas imagens corporais tudo o que a ingrata Natureza costuma escamotear aos organismos vivos, e que as duras práticas bio-ascéticas com raízes puritanas (e tortuosamente hedonistas) ainda insistem em lhes negar.

É precisamente esse **modelo digitalizado** – e, sobretudo, **digitalizante** – que extrapola as telas para impregnar os corpos e as subjetividades, pois as imagens assim editadas se convertem em objetos de desejo a serem reproduzidos na própria carne virtualizada. E, como ocorre com os distúrbios alimentares e seus transtornos dismórficos, o bisturi digital também costuma escolher os jovens corpos femininos como seu alvo predileto – uma coincidência que, certamente, não convém nomear com a palavra acaso. Mas há um detalhe importante nas desmesuradas ambições destas “bonecas digitais”: elas pretendem abandonar todo vínculo com a materialidade, diferentemente do que ocorreria com as suas ancestrais, aquelas andróides (ou ginóides) imaginadas entre os séculos XVIII e XX, decalcadas no modelo da máquina analógica que vigorou no auge da sociedade industrial.²⁵ As novas versões da feminilidade tecnologizada superam esses antigos modelos, pois agora não é apenas a materialidade orgânica que se rejeita em proveito de um corpo mecânico “superior”. As reluzentes damas de bits que povoam as fantasias contemporâneas também dispensam o hardware mecânico para assumirem seus corpos de puro **software**; ou melhor: de pura **imagem imaterial**. Numa redefinição radical da sensualidade, trata-se de um **corpo-ícone descarnado e bidimensional** (embora com polidos efeitos 3D), desenhado exclusivamente para ser **exibido e observado**; isto é, apenas consumido visualmente. Nessa curiosa dissipação da matéria que subjaz aos novos modelos corporais, somente um dos cinco sentidos perceptuais é privilegiado

²³ As fotografias originais e os resultados dos “retoques digitais” no rosto mencionado são expostos em <http://homepage.mac.com/gapodaca/digital/blonde/index.html>; enquanto os trabalhos efetuados sobre a imagem de corpo inteiro estão em <http://homepage.mac.com/gapodaca/digital/bikini/index.html>.

²⁴ COURTINE, *op. cit.* p. 86. Os grifos são meus.

²⁵ Cabe mencionar a personagem Olympia (do conto *O Homem de Areia*, de Hoffmann, 1817), a protagonista do romance *Eva Futura* (de Villiers de L’Isle Adam, 1886), e a famosa robô do filme *Metrópolis* (de Fritz Lang, 1927), numa linhagem que chega até *A Mulher Biônica*, personagem do famoso seriado de TV dos anos 1970.

– significativamente, aquele que opera melhor com a distância: a **visão**. Munido de toda uma tradição objetivante que o legitima como um mecanismo detentor da *verdade*,²⁶ o olhar monopoliza a sinestesia e acaba empobrecendo toda a riqueza sensorial na apreciação da beleza, da espessura e da potência dos corpos.

Em 1999, a agência de modelos Elite lançou a primeira integrante de uma equipe de “modelos digitais”, versões em bits dos tipos femininos mais valorizados no mercado das aparências. “Estamos lançando um **novo conceito de beleza** para o próximo milênio”, declarou o diretor da agência internacional.²⁷ Atualmente está sendo organizado um concurso para escolher a Miss Mundo Digital, com a participação de modelos 3D (todas femininas e digitais) criadas por programadores de software de diversos países (todos masculinos e analógicos). De acordo com o coordenador do evento, a meta é buscar “um **ideal de beleza contemporâneo** através da realidade virtual”.²⁸ A curiosa proposta evoca a figura de uma pioneira: Lara Croft, famosa personagem do jogo de computador *Tomb Raider*, que após se converter em “símbolo sexual” em sua versão *virtual*, foi interpretada no cinema por uma atriz *real* – porém, como já é de praxe, tanto no filme como nas fotografias de divulgação, as imagens do corpo e do rosto da protagonista foram convenientemente retocadas e “turbinadas” com artimanhas digitais. Ecoando esses fenômenos, a revista *Playboy* resolveu publicar uma série de ensaios eróticos com imagens de várias “divas virtuais”, como a heroína do jogo *Bloodrayne*.²⁹ A moda já foi até dramatizada em um filme de ficção, *S1m0ne*,³⁰ e a TV Globo também acabou criando a sua própria “bela digital” para apresentar algumas matérias do programa *Fantástico*. Apontando para uma “imperfeita perfeição”, a Eva Byte da Globo foi desenhada por seis animadores após três meses de trabalho, e “é um tipo bem brasileiro: morena de olhos e cabelos castanhos e lábios grossos”. No entanto, “fugindo do estilo *Photoshop* de ser, Eva não é perfeita: aos 30 anos de idade, tem sardas no rosto, olheiras, pintinhas no colo e vincos na face; até porque, como sabemos, **quanto mais imperfeito o ser virtual, mais ele estará próximo do ser humano**”. Em palavras do diretor de arte da TV Globo, “se ela fosse linda demais as pessoas iam logo achar que ela se parecia com um boneco”.³¹

Vale mencionar o caso de outra “brasileira virtual”, de nome Kaya, uma das candidatas ao título de Miss Mundo Digital. Os criadores desta Miss Brasil também resolveram incorporar

²⁶ Para além da representação, a visão no Ocidente moderno ostenta a capacidade de objetivar, “criar o visível” e “tornar real” aquilo que focaliza. Cf. PARENTE, André (Org.). *Imagem-Máquina: A era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

²⁷ John Casablancas: <http://www.illusion2k.com>.

²⁸ Miss Digital World: <http://www.missdigitalworld.com>.

²⁹ REZENDE, Emerson. “Playboy fará ensaio com personagem de Bloodrayne”. *Yahoo! Notícias Brasil*, 24/08/2004. <http://br.news.yahoo.com/040824/7/mkmr.html>.

³⁰ *S1m0ne* (Andrew Niccol, EUA, 2002). <http://www.s1m0ne.com>.

³¹ MONTEIRO, Elis. A garota do ‘Fantástico’. *O Globo*. Rio de Janeiro, 24/5/04. <http://oglobo.globo.com/jornal/suplementos/informaticaetc/capa.asp>.

algumas “imperfeições” à sua criatura – sobrancelhas grossas, dentes grandes e algumas sardas no rosto – para que ela parecesse mais “real”.³² Impõe-se aqui uma comparação com outra Miss Brasil, desta vez na versão analógica do certame: Juliana Borges, a jovem gaúcha que em 2001 ganhou o concurso de beleza nacional, admitiu ter se submetido a 19 cirurgias estéticas – lipoaspirações em diversas partes do corpo, silicone nos seios, correções no nariz e nas orelhas. Antes de viajar para disputar o título de Miss Universo, a brasileira passou novamente pelo bisturi, a fim de aumentar o tamanho das nádegas. Não faltaram, é claro, na época, as discussões e polêmicas, que obviamente não foram motivadas pela *qualidade* (já habitual) mas pela escandalosa *quantidade* das intervenções.³³ A artificialidade da beleza feminina que Charles Baudelaire enaltecera em seu famoso *Elogio da maquiagem* parecia ter ido longe demais; contudo, também era impossível determinar o ponto exato em que tal desborde tinha ocorrido.³⁴

Apesar da preocupação com o “excesso de beleza”, portanto, e do cuidado com a adição de pequenas **imperfeições** para manter um certo **realismo** nas beldades de bytes, essas novidades parecem ilustrar uma fantasia coletiva que propõe modelos *hiperrealistas*. Ou seja: mulheres planejadas para serem visualmente atraentes, constituindo modelos quase impossíveis de tão “perfeitas” e com evidentes “vantagens” se comparadas com suas colegas tradicionais e analógicas, aquelas que são produtos do acaso biológico e que se compõem da matéria mais vulgar e mundana: átomos, ossos, carne e vísceras – entre outros abjetos e partes malditas. Assim, o biopoder desdobra seus imperativos: os corpos *reais* devem **sofrer** para estarem à altura desses modelos *hiperreais*.³⁵ Isso implica uma negociação: o sacrifício da **carne impura** em prol de uma **pureza imagética**.

A solução está à venda, e é oferecida em diversas embalagens. Uma nova leva de *reality-shows*, por exemplo, promete “embelezar” os participantes por meio de cirurgias plásticas e outras técnicas cosméticas.³⁶ Um deles, *Dr. 90210*, é protagonizado por um cirurgião brasileiro que também faz sucesso em sua clínica de Beverly Hills. “Temos tecnologia para tornar quase qualquer pessoa muito bonita”, sentencia Robert Rey, cujo programa é assistido por 330 milhões de espectadores em 120 países, através do canal E!.³⁷ O médico não esconde a origem de seus mágicos

³² Kaya: <http://www.vetorzero.com.br/kaya>.

³³ Na China existe, inclusive, um concurso de “Miss Artificial”, como já foi mencionado, pois um requisito básico para se candidatar ao título de beleza é ter se submetido a operações de cirurgia plástica. “Jovem de 22 anos é a primeira miss artificial da China”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18/12/2004. <http://oglobo.globo.com/online/plantao/147551609.asp>.

³⁴ BAUDELAIRE, Charles. Elogio del maquillaje. In: *El pintor de la vida moderna*. Disponível em: <http://www.educarchile.cl/autoaprendizaje/estetica/modulo4/clase4/doc/ baudelaire.doc>.

³⁵ Sobre o conceito foucaultiano de “biopoder” ou poder que focaliza e procura modelar a vida, cf. FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1980; e SIBILIA, Paula. Cap. 5: Biopoder. In: *O Homem Pós-Orgânico: Corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 2002. p. 157-202.

³⁶ Depois do pioneiro *Extreme Makeover* (Sony) veio *The Swan* (Fox), que faz uma releitura não isenta de ironia do clássico conto *O patinho feio*, de Hans Christian Andersen. Já a MTV transmite *I want a famous face*, documentando as transformações daqueles que desejam se parecer com determinadas “celebridades”. E o Brasil também tem uma versão local: *Beleza comprada* (GNT).

³⁷ O doutor da alegria (entrevista). *Veja*. São Paulo, 05/11/2004.

poderes: “sou um artista a serviço do Senhor”, diz, “Ele nos deu a Ciência para fazer nossa experiência um pouco melhor, para tornar mais leve a cruz dada para a gente carregar”. O Dr. Rey não menospreza a eficácia desse seu talento com tão sobrenatural inspiração: “fizemos uma beleza tão perfeita que todas as pessoas também querem; isso explica a loucura pelos reality-show”.³⁸

Paradoxalmente, já se foram os tempos em que a beleza era um “dom divino” e escasso, que *se tinha* ou *não se tinha*, e em cuja sublime arbitrariedade era perigoso intervir. Até meados do século XX, os manuais destinados ao público feminino recomendavam “enriquecer, conservar e restaurar a Natureza, mas sem ousar uma mudança profunda e irrevogável das linhas, das cores e dos volumes corporais”, pois se considerava “perigoso intervir no próprio corpo em nome de objetivos pessoais e dos caprichos da moda”.³⁹ Somente nos anos 1950 a beleza começou a se converter em um *direito* (e provavelmente também em um *dever*) de toda mulher – e, cada vez mais, de todo homem.⁴⁰ Antes disso, dificilmente alguém acreditaria que a beleza fosse uma conquista individual, resultado de um trabalho pessoal e cotidiano, e dos esforços e investimentos bio-ascéticos que hoje se tornaram obrigatórios. Mas, como explica a historiadora Denise de Sant’anna, tudo mudou nas últimas décadas: “ao invés de simplesmente dissimular os pontos ‘feios’”, a nova ordem é “preveni-los e corrigi-los”.⁴¹

Recorrendo às categorias propostas pelo sociólogo português Hermínio Martins em seus estudos epistemológicos, trata-se de uma clara transição entre dois tipos de intervenção tecnocientífica nos corpos humanos: dos procedimentos **prometéicos** (dissimular, aperfeiçoar, melhorar) para os métodos **fáusticos** (corrigir, criar, ultrapassar).⁴² Uma mudança, também, do paradigma mecânico para o bioinformático, e uma passagem do horizonte **analógico** para o **digital**. Assim, as duas tendências aparentemente contraditórias citadas no início deste ensaio, revelam sua raiz comum: os sonhos de “virtualização” e o culto ao “corpo belo” escondem idêntico desprezo pela carne impura e pelas viscosidades orgânicas, além da mesma vontade fáustica de eliminá-las com a ajuda das novas ferramentas tecnocientíficas. *Deletar*, enfim, toda e qualquer impureza.

³⁸ EDUARDO, Cléber. Médico brasileiro afirma em reality show que cirurgião plástico é misto de psiquiatra e artista. *Época*, Nº 335. Rio de Janeiro, 18/10/2004.

³⁹ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. Cuidados de si e embelezamento feminino: Fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In : SANT’ANNA, Denise (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 126.

⁴⁰ Basta constatar que a bibliografia que focaliza este assunto também é abundante, em meio a polêmicas midiáticas como as que anunciaram a aparição de um novo tipo de masculinidade, o “metrosexual”, enquanto aumenta o mercado de produtos e serviços de beleza para o público masculino. Cf. ROSENBERG, Jocelyne Levy. *Lindos de Morrer: Dismorfia Corporal e Outros Transtornos Obsessivos*. São Paulo: Ed. Celebris, 2004; OLIVARDIA, Roberto; POPE JR., Harrison; PHILLIPS, Katharine. *O complexo de Adonis: A obsessão masculina pelo corpo*. São Paulo: Ed. Campus, 2000; SABINO, César. Anabolizantes: Drogas de Apolo. In: GOLDENBERG, Miriam. (Org.) *Nu & Vestido*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 139-188.

⁴¹ SANT’ANNA, op.cit. p. 69-80.

⁴² Para uma análise mais exaustiva da tensão fáustico-prometéica na história e na filosofia da tecnociência, ver MARTINS, Hermínio. *Hegel, Texas e outros ensaios de teoria social*. Lisboa: Ed. Século XXI, 1996; e SIBILIA, Paula. Cap. 2: Tecnociência. In: *O homem pós-orgânico: Corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. p. 41-61.